

OS
SALMOS
COMO LOUVOR
CRISTÃO

UM COMENTÁRIO HISTÓRICO

BRUCE K. WALTKE
JAMES M. HOUSTON

Sumário

PREFÁCIO	11
1. OS SALMOS COMO LOUVOR CRISTÃO	15
I. O quê: O objeto do louvor, o EU SOU	15
II. Por que louvar	20
III. Quem, onde e quando	27
IV. Como louvar	37
2. SALMO 90: A VOZ DA SABEDORIA MODERADA	43
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	43
<i>Parte II. Comentário</i>	48
I. Introdução	48
II. Exegese	53
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	73
I. Atanásio de Alexandria (c. 295-373)	74
II. Agostinho de Hipona (354-430)	75
III. Gregório de Nissa (c. 332-395)	76
IV. Martinho Lutero (1483-1546)	76
<i>Parte IV. Conclusão</i>	79
I. Contexto canônico	79
II. Mensagem	79
3. SALMO 91: A INVULNERABILIDADE E INVENCIBILIDADE DO MESSIAS	81
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	81
<i>Parte II. Comentário</i>	85
I. Introdução	85
II. Exegese	91

<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	107
I. O caráter apotropaico do salmo 91	107
II. O salmo 91 como confissão na tentação.....	108
III. Jerônimo (342-420)	108
IV. Agostinho de Hipona (354-430)	109
V. Bernardo de Claraval (c. 1090-1145)	110
<i>Parte IV. Conclusão</i>	116
4. SALMO 92: TU, EU SOU, ÉS O ALTÍSSIMO ETERNAMENTE!	117
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	117
<i>Parte II. Comentário</i>	120
I. Introdução	120
II. Exegese	124
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	140
I. A origem do salmo 92 para o sábado	140
II. A criação e o sábado eterno	140
III. A recepção da igreja de um salmo de sábado	143
IV. Agostinho de Hipona (354-430)	144
V. Poetas medievais e contemporâneos	146
VI. Vivendo uma vida piedosa de acordo com os reformadores ...	148
<i>Parte IV. Conclusão</i>	150
5. SALMO 93: O TRONO DO EU SOU E O MUNDO PERMANECEM FIRMES	153
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	153
<i>Parte II. Comentário</i>	154
I. Introdução	154
II. Exegese	158
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	164
I. Agostinho de Hipona (354-430)	164
II. Ernst W. Hengstenberg (1802-1869)	165
<i>Parte IV. Conclusão</i>	165

6. SALMO 95: VENITE	167
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	167
<i>Parte II. Comentário</i>	167
I. Introdução	167
II. Exegese	170
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	177
I. Agostinho de Hipona (354-430)	178
II. João Calvino (1509-1564)	180
III. Roberto Belarmino (1542-1621)	181
<i>Parte IV. Conclusão</i>	184
I. Contexto canônico	184
II. Mensagem	184
7. SALMO 96: O REI VEM PARA ESTABELECEER A JUSTIÇA	187
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	187
<i>Parte II. Comentário</i>	189
I. Introdução	189
II. Exegese	192
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	201
I. O uso antigo do salmo na liturgia do templo	201
II. Uso cristão antigo do salmo	202
III. A salmodia musical entre os pais antigos	202
IV. O segundo grande período da hinódia da igreja	204
<i>Parte IV. Conclusão</i>	206
I. Contexto canônico	206
II. Mensagem	206
8. SALMO 97: SUAS CARRUAGENS DE IRA FORMAM TEMPESTADES	211
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	211
<i>Parte II. Comentário</i>	213
I. Introdução	213
II. Exegese	217

<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	228
I. Roberto Belarmino (1542-1621)	228
II. Jonathan Edwards (1703-1758)	229
III. Andrew A. Bonar (1758-1821)	229
IV. John N. Darby (1758-1821)	230
V. Os modernos existencialistas franceses	231
<i>Parte IV. Conclusão</i>	232
I. Contexto literário	232
II. Mensagem	232
III. Contexto canônico	233
9. SALMO 98: UM CÂNTICO DE VITÓRIA DO GUERREIRO DIVINO	235
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	235
<i>Parte II. Comentário</i>	236
I. Introdução	236
II. Exegese	241
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	246
I. Novo Testamento	246
II. Agostinho de Hipona (354-430)	247
III. João Calvino (1509-1564)	247
<i>Parte IV. Conclusão</i>	250
I. Contexto canônico	250
II. Mensagem	250
10. SALMO 99: SANTO É ELE	253
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	253
<i>Parte II. Comentário</i>	256
I. Introdução	256
II. Exegese	259
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	268
I. Agostinho de Hipona (354-430)	269
II. Boaventura (1217-1274)	271
III. William Romaine (1714-1795)	271
<i>Parte IV. Conclusão</i>	274
I. Alterando contextos canônicos	274
II. Mensagem	274

11. SALMO 100: JUBILATE DEO	277
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	277
<i>Parte II. Comentário</i>	277
I. Introdução	277
II. Exegese	279
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	286
I. Agostinho de Hipona (354-430)	286
II. Roberto Belarmino (1542-1621)	287
III. William Romaine (1714-1795)	288
<i>Parte IV. Conclusão</i>	289
I. Contexto literário	289
II. Mensagem	289
12. SALMO 103: LOUVE, MINHA ALMA, O REI DO CÉU	291
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	291
<i>Parte II. Comentário</i>	293
I. Introdução	293
II. Exegese	296
<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	304
I. Introdução	304
II. Agostinho de Hipona (354-430)	305
III. João Calvino (1509-1564)	310
IV. William S. Plumer (1802-1880)	312
<i>Parte IV. Conclusão</i>	314
I. Contexto literário	314
II. Mensagem	314
13. SALMO 104: UM DEUS TÃO GRANDIOSO	317
<i>Parte I. A voz do salmista: Tradução</i>	317
<i>Parte II. Comentário</i>	320
I. Introdução	320
II. Exegese	323

<i>Parte III. A voz da igreja em resposta</i>	341
I. Matthew Henry (1662-1714)	342
II. William S. Plumer (1802-1880)	344
III. André Chouraqui (1917-2007)	345
<i>Parte IV. Conclusão</i>	345
GLOSSÁRIO	349

Os salmos como louvor cristão

No prefácio explicamos porque selecionamos os salmos do Livro IV do saltério para ouvir as vozes do salmista inspirado e da igreja em resposta. Para ajudar-nos a introduzir esse *corpus*, somos um tanto desinibidos para empregar os seis homens úteis e honestos de Rudyard Kipling: “Eu tenho seis homens úteis e honestos. Eles me ensinaram tudo que sei. Os nomes deles são O quê?, Por quê?, Quando?, Como?, Onde? e Quem?”.

O QUÊ: O OBJETO DO LOUVOR: O *EU SOU*

As súplicas e louvores do saltério do Deus vivo de Israel, IAVÉ, tradicionalmente vertido como “o SENHOR”, neste volume é designado “*EU SOU*”. O salmo 99 tem o *EU SOU* como primeira e última palavras, o alfa e o ômega. O nome de Deus ocorre sete vezes nesse salmo e pronomes independentes (não requeridos em hebraico) para o *EU SOU* também ocorrem sete vezes. Na Escritura, o número sete simboliza os atributos e obras divinas (cf. Js 6.4).

A. Reflexões progressivas sobre a revelação de Deus

Deus progressivamente se revela a Israel, sua família adotada, hoje identificada como a igreja. Quando Deus chamou Moisés para liderar seu povo e sair do Egito rumo à terra prometida aos patriarcas, ele pacientemente revelou seu nome. Os nomes na Bíblia costumam envolver um jogo de palavras (associação de um nome próprio à palavra de som similar). O jogo de palavras no Pentateuco, de acordo com Austin Surls, tem quatro funções possíveis: comemoração (e.g. Caim, Gn 4.1), antecipação (e.g. Noé, Gn 5.29), descrição (e.g. Eva, Gn 3.20) e reminiscência (e.g. Abraão,

Gn 17.5).¹ O paralelismo entre Êxodo 3.14 e 3.15 indica que Deus explica seu nome IAVÉ (Êx 3.15) por meio do nome da sentença: “EU SOU O QUE SOU” ou “EU SEREI O QUE SEREI” (Êx 3.13,14). Presumivelmente, portanto, seu nome é descritivo (“Ele é”) ou antecipatório (“Ele será”). Janet Martin Soskice ressaltou que a *Septuaginta* traduziu o nome da sentença por “Eu sou o Ser”, compreendendo “a transcendência metafísica do tetragrama divino como ‘Ser em si mesmo’”.² A interpretação dela apoia em parte o sentido tradicional “EU SOU O QUE SOU”. Assim, o nome dele menciona seu Ser eterno, imutável. O Deus de Israel é autoexistente; ele não se deriva de alguém ou de alguma coisa.

Pouco tempo atrás, Austin Surls argumentou com base na sintaxe hebraica que o nome da sentença significa “EU SEREI O QUE EU SEREI”, significando antecipação: a revelação progressiva de si mesmo, não a descrição do seu ser.³ Portanto, Israel aprendeu pela primeira vez, por meio das pragas do *EU SOU* sobre Faraó, que o nome significou seu poder impressionante (v. Êx 6.1-4); e Israel aprendeu com o incidente do bezerro de ouro a respeito de sua graça maravilhosa (Êx 34.6; v. Sl 103.6,7). A interpretação mais tradicional, entretanto, além de comunicar seu Ser imutável, também induz a noção que ele progressivamente revelará quem é. O ápice é que o *EU SOU* se revelou no Filho, o Senhor Jesus Cristo, e que o Espírito Santo convence o mundo da Verdade (Jo 4.24).

No Novo Testamento (NT), o *EU SOU* se revela plenamente como Trindade: a Trindade ontológica: o Pai, o Filho e o Espírito Santo e uma organização trinitária, com cada Pessoa tendo uma função única.⁴ Hoje, o Pai deseja ser conhecido pelo nome do Filho, o Senhor Jesus Cristo. E

¹ *Making Sense of the Divine Name in Exodus*, BBRSup 17 (Winona Lake: Eisenbrauns, 2017), p. 28. “O jogo de palavras com o nome próprio no Pentateuco significa a expressão de um caráter (ou um comentário pelo narrador) que designa uma pessoa ou lugar e explica *imediate e explicitamente* porque ele ou ela escolheu esse nome”.

² “The gift of the Name: Moses and the burning bush”, em: *Silence and the Word: Negative Theology and Theamiation*, Oliver Davies; Denys Turner, orgs. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 70ss.

³ *Making Sense of the Divine Name in Exodus*, p. 53, 57, 61.

⁴ A Trindade é como um acorde da tríade Dó maior: ele consiste em três notas da mesma substância, que funcionam diferentemente e unidas são uma; a unidade necessária para existir. Alguns dos atributos de Deus, como o amor, exigem mais de uma pessoa para serem significativos.

assim a igreja ora em nome do Filho para glorificar o Pai (Jo 14.13) e os apóstolos pregaram em seu nome (At 16.31). Paulo ensinou: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor [Jesus] será salvo” (Rm 10.13, cf. v. 9), uma citação de Joel 2.32[3.5]: “E todo aquele que invocar o nome do ‘EU SOU’ será salvo”. O apóstolo aconselhou a igreja: “Habite ricamente em vocês a *palavra de Cristo*; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem *salmos*, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seus corações” (Cl 3.16, grifos acrescidos).

Providencialmente, os rabinos no período do segundo templo consideraram o tetragrama sagrado demais para ser pronunciado e usaram sinônimos para ele, como *Adonai* (“Senhor”) e *HaShem* (“O Nome”). Como resultado, a pronúncia original de IAVÉ se perdeu. Dizemos “providencialmente” porque a mudança da adoração com o nome pessoal de IAVÉ para a adoração com o nome pessoal de Jesus Cristo seria de outro modo bastante abrupta. O título: “o Senhor”, contudo, poderia prontamente ser aplicado a ambos ao Pai e ao Filho.

Na história acadêmica sobre o tetragrama, Robert J. Williamson demonstrou como a compreensão de Jesus como o “*EU SOU*”, é expressa pela primeira vez por Justino Mártir, e seguida pelos alexandrinos e por Agostinho de Hipona.⁵ Agostinho, ex-retórico profano, havia distorcido profundamente o nome de Deus. Mas depois de sua conversão radical, como ele narra nas *Confissões* e mais tarde formula nos comentários sobre os salmos, o louvor ao nome de Deus continuou a mudá-lo pelo resto da vida. As linhas introdutórias das *Confissões* vocalizam toda a nossa necessidade de louvor ao *EU SOU*: “O homem, uma pequena parte de tuas criações, deseja louvar-te, um ser humano ‘experimentando sua mortalidade com ele’ (2Co 4.10), trazendo consigo o testemunho de seu pecado e o testemunho de tu ‘resistes ao orgulho’ (1Pe 5.5). No entanto, louvar-te é o desejo do homem, uma pequena parte de tua criação. [...] Tem misericórdia, de modo que eu possa encontrar palavras”.⁶

“Encontrar palavras” não foi problema para o retórico, mas encontrar “as palavras corretas do louvor divino foi o dilema epistemológico de

⁵ *Tetragrammaton: Western Christians and the Hebrew Name of God* (Leiden: Brill, 2015) p. 136-8.

⁶ *Confessions* 1.1, 5, trad. por Henry Chadwick. Oxford: Oxford University Press, 1992, p. 1, 5 [edição em português: *Confissões* (São Paulo: Paulus, 1984)].

Agostinho. Como ele poderia procurar por Deus se ele nem sequer sabia quem ou o que ele procurava? Como louvaria a Deus se ele não sabia invocá-lo? Como ele poderia louvar a Deus se Deus está além de todo o conhecimento, ou nomeá-lo sem lhe distorcer o nome? Como Moisés, Agostinho percebeu que Deus deveria chamá-lo em primeiro lugar, embora lhe fosse ordenado invocar a Deus: “Fala a mim, de modo que eu possa ouvir”.⁷ Mas essa oração já é uma dádiva divina, uma dádiva da fé, uma dádiva da fala. Nós também, ao assumirmos a tarefa privilegiada de louvar, participamos da oração de Agostinho: “Minha fé, Senhor, te invoca. É tua dádiva para mim. Tu a sopraste em mim pela humanidade de teu Filho, pelo ministério de teus pregadores”.⁸ Como Janet Martin Soskice conclui com tanta beleza: “Essa fala a Deus se tornou possível porque Deus fala a nós em primeiro lugar, e nos proporciona não só a possibilidade do louvor, mas a verdadeira sociabilidade, o verdadeiro e verídico uso da posse compartilhada que é a fala”.⁹

B. Reflexos sobre a realeza

É apropriado que o comentário focado no tema o “EU SOU é Rei” elucide a noção de realeza.

O rei é o soberano do sexo masculino, geralmente entre rivais, de uma extensa unidade territorial como uma cidade ou nação. No mundo bíblico, os reis foram investidos de autoridade suprema por causa das habilidades para liderar, em especial em períodos de *guerra* e para *a aplicação da justiça*.¹⁰ Além disso, o rei é o *edificador* de templos (1Rs 6—8),¹¹ palácios (7.1-8) e mesmo cidades (12.25).¹² O salmo 93 louva o Rei divino como guerreiro, juiz e edificador, mas ele converge e aumenta essas qualidades. De fato, como guerreiro ele é mais poderoso que a fúria dos mares impetuosos (v. 3,4); como juiz, até decreta leis (v. 5); e como edificador, estabeleceu o globo terrestre com tanta firmeza que não pode ser abalado (v. 1). Na

⁷ Ibid., 1.5.

⁸ Ibid., 1.1.

⁹ “The Gift of the Name”, p. 75.

¹⁰ Marc Zvi Brettler, *God Is King: Understanding an Israelite Metaphor*, JSOTSup 76 (Sheffield: JSOT, 1989), p. 31, 109-16.

¹¹ Arvid Kapelrud, “Temple Building: A Task of Gods and Kings”, *Or* 32 (1963): 56-62.

¹² Brettler, *God Is King*, p. 117-22.

No primeiro comentário, focamos na adoração cristã, em seguida, no segundo comentário do lamento cristão e, agora, no terceiro, exploramos as profundezas do louvor cristão. A essência do saltério é o louvor, mas considerando que muitos salmos são inteiramente cânticos de louvor, delimitamos principalmente o foco em subespécies dos salmos de louvor: os que proclamam o “EU SOU” reina”. Nosso foco é no Livro IV do saltério (SI 90-106); a saber, os Salmos 90—100 (exceto o SI 94 de lamento) e os Salmos 103—104.

Antes de ouvir a voz inspirada do salmista e a voz de fé da igreja em resposta, introduzimos a coletânea de escritos ao refletir sobre o louvor, tentando responder a essas questões como “por que louvar a Deus?” e “como louvá-lo?”. À luz de sua santidade imaculada, estamos profundamente conscientes de nossos lábios impuros; no entanto, estamos de todo persuadidos de que a morte de Cristo e o Espírito de purificação são a cura dupla para salvar-nos da ira e nos tornar puros.

Nossa meta nos três comentários sobre o livro de Salmos é edificar a igreja pela audição da voz do salmista mediante a exegese cuidadosa da coletânea de escritos e pela audição da voz da igreja em resposta. Com o termo “edificar” desejamos acrescentar substância à fé, fervor à virtude, convicção à confissão; e que a igreja seja fortalecida na fidelidade, em especial neste tempo de perseguição em muitas regiões do mundo e da apostasia no Ocidente.

Bruce K. Waltke é professor de Antigo Testamento no Knox Theological Seminary, em Fort Lauderdale, Flórida e professor emérito de estudos bíblicos pela faculdade Regent College, em Vancouver, Canadá. Ele é coautor também de *Os salmos como adoração cristã* e *Os salmos como lamento cristão*, Shedd Publicações.

James M. Houston é o principal fundador e antigo chanceler da faculdade Regent College, onde foi o primeiro professor de teologia espiritual. Ele é coautor de *Os salmos como adoração cristã* e *Os salmos como lamento cristão*, Shedd Publicações.

ISBN 978-85-8038-083-5



SHEDD
PUBLICAÇÕES

Literatura que edifica



sheddpublicacoes.com.br

9 788580 380835